

“Envelhecimento e representações sociais”, organizado por Luiz Fernando Rangel Tura*Aging and social representations, organized by Luiz Fernando Rangel Tura**Envejecimiento y representaciones sociales, organizado por Luiz Fernando Rangel Tura***Luciene Lopes Baptista**

FMP/FASE

Petrópolis, RJ - Brasil

lucienebap49@gmail.com

Clara Nogueira

FMP/FASE

Petrópolis, RJ - Brasil

clara.nogueira@me.com

Ingryd Soares

FMP/FASE

Petrópolis, RJ - Brasil

igsoares13@gmail.com

Rafaela Amaral

FMP/FASE

Petrópolis, RJ - Brasil

rafa.scsa@gmail.com

O envelhecimento é retratado nesta obra enquanto um fenômeno complexo, multifacetado e interdisciplinar. Ao longo dos capítulos, os autores demonstram que o fenômeno do envelhecimento demanda uma compreensão muito além da dimensão biológica do ser humano, construída e modelada a partir de referenciais indissociáveis atrelados à cultura e ao social, e que, por sua vez, é influenciada por três elementos fundamentais: a cognição, ou seja, todo o apanhado de informações e conhecimentos com os quais se percebe e interpreta a realidade ao redor; os valores, ou seja, os critérios com as quais se baliza o julgamento de certo e errado; e os sentimentos ou emoções que imprimem sensações positivas e/ou negativas às vivências humanas. Para Luiz Fernando Rangel e Antônia Oliveira Silva, o processo de envelhecimento é construído na vida cotidiana através das relações e sentidos, enquanto as pessoas agem e reagem frequentemente alinhados com suas respectivas representações.

Neste sentido, faz-se necessário agregar abordagens teórico-metodológicas que permitam ao pesquisador contemplar as dimensões subjetivas dos fenômenos sociais. Investigar e compreender o envelhecimento requer ao mesmo tempo transitar por diferentes campos disciplinares, a fim de alcançar dimensões de subjetividade individual e coletiva permeadas e configuradas por mudanças socioculturais. A teoria das representações sociais surge, então, como uma abordagem com esta capacidade, na medida em que permite ao pesquisador “capitar o movimento subjetivo e de compreender/entender a realidade social, sem se desconectar de seus vínculos com as formas de organização social, as demandas das diferentes culturas e as características de um tempo e lugar.” (RANGEL; SILVA, 2012).

Segundo os autores, envelhecer é hoje “uma grande novidade coletiva” na medida em que o mundo está em franco processo de envelhecimento. No Brasil, o envelhecimento populacional já é um fenômeno demográfico apontado pela inversão da pirâmide etária da população, demandando mudanças culturais e nas políticas públicas que impactarão o dia a dia de todas as pessoas no que

tange ao modo de vida. Desde moradia, sistemas de locomoção, seguridade social, saúde pública, segurança pública, lazer, educação, trabalho e renda. Neste contexto, o processo de envelhecimento ganha visibilidade e relevância, impulsionando uma revolução cultural, modificando conceitos e o significado da velhice para diversos grupos de pessoas, sejam elas velhas ou jovens, que ofereçam ou demandem serviços, que produzam ou consumam produtos. Enfim, a mudança cultural que já está em curso provocará impactos nas relações sociais, nas relações entre gerações, nas relações de gênero, na concepção de saúde e bem-estar e na concepção de dignidade humana. Implica em formas de representação da vida social.

Este livro foi organizado em três seções, divididas em: primeira seção, com textos propedêuticos; segunda seção, com textos sobre o envelhecimento em diferentes contextos sociais; e a terceira seção, com textos sobre envelhecimento, saúde e doença. Os textos da primeira seção abordam a compreensão do envelhecimento a partir de suas representações e imagens num contexto de mundo contemporâneo. Na segunda seção, os textos abordam diferentes contextos sociais como o argentino, italiano e o brasileiro, evidenciando e refletindo sobre problemáticas sociais complexas, considerando suas especificidades culturais e sociais. E na terceira e última seção são apresentados dois textos sobre a relação saúde-doença no contexto do envelhecimento, a partir de estudos realizados no Brasil e em Portugal.

De alguma forma, assim como Célia Pereira Caldas e Renato Peixoto Veras, os autores reclamam tomar o envelhecimento como fenômeno multidimensional. Assim, há que reconhecer o envelhecimento social que traduz o engajamento social do indivíduo e suas perdas, durante a sua aposentadoria ou após a saída dos filhos da casa, com conseqüente isolamento e queda da qualidade de vida. O envelhecimento psicológico, guiado pelas perspectivas de vida, aprendizagem e memória do idoso. E ainda, conforme Jorge Correia Jesuino, refletir sobre a dimensão simbólica do processo de envelhecimento, tomado nas sociedades ocidentais como o “não viver”, como “deixar de ser” e como a perpetuação desses pensamentos nos leva ao risco do *ageism - idosismo*, ou seja, desconsiderar o idoso como um ser humano ativo e membro da comunidade. Como a médica Ana Claudia Quintana afirma, lidamos mal com a vida, de modo que nos tornamos mortos socialmente e o que mais pesa é essa incompetência para viver e não o modo, dia ou sofrimento da morte. E ainda, considerar que o envelhecimento é um processo interseccional sobre o qual se sobrepõe uma diversidade de categorias como gênero, raça, classe, capacidade, orientação sexual e religião. Maria Cunha Marreiros, Maria do Livramento Fortes Figueiredo, Cristina Maria Miranda de Sousa e Maria Eliete Batista Moura destacam, por exemplo, aspectos relativos a feminização da velhice. Reclamam pensar políticas públicas que auxiliem os idosos a terem boas condições de vida e oportunidades socioculturais, apoiem a renovação de seus projetos de vida, podendo levar ao envelhecimento bem sucedido que envolve baixo risco de doenças e de incapacidades, funcionamento físico e mental e envolvimento ativo com a vida.

Em suma, esta obra representa uma importante contribuição para compreensão do processo de envelhecimento enquanto um processo complexo e constituído cultural e socialmente. E que desvela, a partir dos diversos significados imputados num dado contexto histórico, temporal e espacial, a dinâmica das transformações paradigmáticas em torno do que significa envelhecer.

O processo de envelhecimento contempla inúmeras variáveis que condicionam a qualidade do envelhecer. De acordo com Brito, Camargo e Castro (2017), as normas sociais, atitudes, valores e crenças são algumas destas variáveis. Desta forma, identificar aspectos relativos às perdas associadas ao envelhecimento contribuiria para um entendimento ainda mais amplo deste, uma vez que a questão do sentimento de perda está frequentemente associada ao processo de envelhecimento.

Segundo Abreu (2017), o ser humano tem dificuldade em dissociar o significado de envelhecimento das perdas ao longo da trajetória de vida. Muito mais considerando uma sociedade que não investe na preparação para o envelhecimento e, ao contrário, fomenta fortes preconceitos contra o velho e o culto à eterna juventude. E refletir o quanto o sentimento de perda afeta o significado do envelhecimento implica em sublinhar três elementos: primeiro, a separação de alguém ou algo que dava sentido ao esquema de vida da pessoa; segundo, perder a gratificação ou benefício que era provido pela pessoa ou algo perdido; e terceiro, obrigar-se a uma adaptação frente a circunstâncias desconhecidas e que, portanto, são fontes geradoras de ansiedade e medo.

Ocorre que identificar e interpretar um acontecimento como perda e analisar o grau de dano que tal perda tenha provocado num determinado indivíduo não se constitui tarefa fácil, nem tão pouco algo que possa ser categorizado coletivamente, pois que o sentimento associado à perda é de caráter pessoal e único. Contudo, aspectos sociais e culturais podem concorrer para produzirem a ideia de perda. Numa sociedade capitalista, por exemplo, a perda de status e da situação financeira por ocasião da aposentadoria, ocasionando o afastamento do indivíduo do ambiente de trabalho, significando a queda da sua situação financeira e do seu estilo de vida, pode se constituir em fator determinante para o surgimento do sentido de perda, provocando-lhe culpa e dor por não corresponder mais às expectativas sociais impostas pelo modelo de produção vigente. (ABREU, 2017)

Outro aspecto não contemplado nesta obra refere-se ao fato de que no Brasil, nas últimas décadas, a faixa etária de pessoas que mais cresceu foi a de 60 anos. Esta faixa etária, ao longo da sua trajetória de vida, compartilhou de importantes acontecimentos políticos e sociais que ocorreram nos anos 1960 e nas décadas seguintes. Dentre eles, o movimento feminista, a inserção maciça de mulheres no mercado de trabalho e nas universidades, a lei do divórcio, o uso da pílula anticoncepcional. Ou seja, essa geração colocou em questão paradigmas da época com relação à sexualidade, mercado de trabalho para a mulher, família e a própria instituição do casamento. (GOLDENBERG, 2011).

Apontar um grifo sobre tais acontecimentos e como eles podem ter impactado o significado do processo de envelhecimento ou não, para os idosos desta faixa etária, principalmente no Brasil, considerando que nesta época a população brasileira vivenciava uma ditadura militar. De acordo com Moscovici (1978), a teoria das representações sociais permite adentrar num universo consensual de subjetividades que são compartilhadas pelos grupos, como uma forma de conhecimento socialmente construído e compartilhado. E em alguma medida podem apontar variáveis quanto à questão da saúde e bem-estar de gerações cujo processo de envelhecimento já se encontra em estágios mais avançados.

De outro modo, os textos reunidos neste livro trouxeram valiosa contribuição para ampliar a compreensão a respeito do envelhecimento no Brasil e em comparação com outras regiões e culturas. Oportunizou a reflexão sobre o modo como a cultura, as relações sociais e a região interferem e produzem subjetividades que regem e determinam além dos referenciais conceituais, as crenças e sentidos da conduta humana. A importância de identificar os norteadores do comportamento humano frente ao processo de envelhecimento permite avançar na proposição de mudanças estruturais quanto ao apoio, inclusão e cuidado do processo de envelhecimento individual e coletivo, objetivando políticas públicas que melhor atendam às necessidades de saúde e bem-estar da população idosa.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. de. **Velhice: uma nova roupagem**. São Paulo: Ágora, 2017.

BRITO, A. M. M., CAMARGO, B. V., & CASTRO, A. Representações sociais de velhice e boa velhice entre idosos e sua rede social. **Revista de Psicologia da IMED**, v.9, n.1, p. 5-21, 2017.

GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

SILVA, L. M.; SILVA, A. O.; MOREIRA, A. S. P.; MOREIRA, M. A. S. P.; TURA, L. F. R.; RODRIGUES, R. A. P. Representações sociais sobre qualidade de vida para idosos. **Revista Gaúcha de Enfermagem** (Online), v. 33, p. 109-115, 2012.

TURA, L. F. R.; SILVA, A. O. (Org.). **Envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro, Quartet: Faperj, 2012. 316p. ISBN 978-85-7812-062-7
